GLOBAL JOURNAL
OF HUMAN-SOCIAL SCIENCE - A: ARTS & HUMANITIES

Volume 26 | Issue 2 | 2026 | Article ID: GJHSS-277277 | Language: Portuguese

CATALOGING
LCC • PN98.W64

# Contemplacao em Lenilde Freitas: O Feminino e o Flagrante Momentâneo em Breve Abordagem

## Contemplation in Lenilde Freitas: the feminine and the fleeting moment in a brief approach

Article Record

**Ricardo Japiassu** *

ORCID 0009-0002-7959-7999

*Corresponding Author

| RECEIVED | ACCEPTED | ONLINE PUBLISHED | PUBLISHED | PEER REVIEW |
|---|---|---|---|---|
| 2026-09-19 | 2026-09-29 | 2026-10-14 | 2026-10-28 | Double Blind |

## Abstract

In this short article about the poet Lenilde Freitas, whose work is markedly feminine – as it presentes common to the authors, in a space of sisterhood, such as perception of nature, for exemple, with poems about rose apple and cashew trees – the author walks through the steets of her childhood in Recife, creating poetic images. Additionally, she captures moments, as if photographing them, and crystallises in poetry. In her work, there i salso a dialogue with the literary arts, though the creation os poems dedicated either to the Pernambuco poet Deborah Brennand, with whom she spent time with, whether it was the writer Clarice Lispector, whose poetic sensibility was studied be Lenilde Freitas in her master's dissertation. As a retring writer, I would now like to presente a little bit of her poetic work, for a sensitive, semple and reclusive woman.

capturing the moment | communion with authors | Female poetry | space of sisterhood

**AI USE STATEMENT**
No generative AI was used for analysis or results.

**FUNDING**
No external funding was declared for this work.

**CONFLICT OF INTEREST**
The authors declare no conflict of interest.

**DATA AVAILABILITY**
Not applicable for this article.

**ETHICS**
No ethics committee approval was required for this article type.

**CONSENT**
Not applicable for this article.

**TRIAL REG.**
Not applicable.

**Crossref DOI:** 10.34257/GJHSSA277277

**How to Cite:** Japiassu (2026). Contemplacao em Lenilde Freitas: O Feminino e o Flagrante Momentâneo em Breve Abordagem. Global Journal of Human-Social Science, 26(2), 23-27. DOI: 10.34257/GJHSSA277277

**LICENSE**
© 2026 Global Journals. Open-access article under CC BY-NC-ND 4.0 International License.

AR Experience | Web Page | DOI

Print ISSN 0975-587X
Online ISSN 2249-460X

*Under the strict compliance and defined process of*

**ARCHIVAL RECORD**

GJHSS · Vol 26 · Issue 2 · 2026

Article ID GJHSS-277277 · DOI 10.34257/GJHSSA277277

Print ISSN 0975-587X · Online ISSN 2249-460X

**Global Journal of Human-Social Science - Section A**
GJHSS Volume 26 Issue 2

# Contemplacao em Lenilde Freitas: O Feminino e o Flagrante Momentâneo em Breve Abordagem

Ricardo Japiassu* iD

**Abstract**

Neste breve artigo sobre a poetisa Lenilde Freitas, em cuja obra, marcadamente feminina – que apresenta temas comuns às autoras num espaço de sororidade, como a percepção da natureza, por exemplo, em poemas sobre os jambeiros e cajueiros a autora percorre as ruas da infância, no Recife, em imagens poéticas. Além disso, flagra os instantes, cujas imagens cristaliza em poesias, como que os fotografando. Em sua obra, o diálogo com as artes literárias, mediante a elaboração de poemas dedicados quer à poetisa pernambucana Deborah Brennand, com quem conviveu, quer à escritora Clarice Lispector, cujo viés poético foi estudado por Lenilde Freitas em sua dissertação de mestrado, se faz presente. A seguir, um pouco do seu fazer poético, escrito por uma mulher sensível, simples e reclusa.

**Keywords:** *comunhão com autoras, espaço de sororidade, flagrante dos instantes, Poesia feminina*

* **Corresponding Author**
Ricardo Japiassu

**DOI**
10.34257/GJHSSA277277

## 1. Introdução

No ano de 1993, a então professora de literatura portuguesa da Universidade de São Paulo e crítica literária, Nelly Novaes Coelho, em seu *A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo,* publicou artigo sobre a poetisa paraibana, nascida em Campina Grande mas radicada no Recife desde tenra infância, Lenilde Freitas (1939-2024), intitulado *O Mito de Eva Reinventado.* No livro (1993, p. 19), a autora diz que as mulheres, àquela época, buscavam nova imagem, nova identidade, em uma tentativa de romper assim, audaciosamente, com o estabelecido pelo mundo patriarcal. Ela afirma que a arte depende do seu momento histórico, econômico e social, até mesmo de classe, para ser elaborada. É assim que podemos perceber nas concisas poesias de Lenilde Freitas, que constituem a maior parte de sua obra, um espaço de sororidade.

Em um momento de cumplicidade e gratidão, a poetisa responde com a elaboração do poema *Emblema Lusitano*, publicado na coletânea *A Corça no Campo* (2010). Nelly Novaes Coelho lembra-se (1993, p. 12) "da forma com que a literatura feminina vem se impondo à crítica - como um fenômeno especial, a despeito das muitas vozes (inclusive de escritoras...) que veem nessa distinção mais uma discriminação". Na opinião da catedrática (1993, p. 12), a preocupação daquelas que fazem obras de mulher acontece porque há uma "metamorfose-em-marcha" na contemporaneidade, sendo as literatas sua pedra-de-toque. Vale acrescentar ainda, por seu pensamento crítico, que não se trata de saber se a literatura realizada por mulheres é melhor que a masculina, mas sim de saber o que elas constroem e como o fazem, determinando novos caminhos.

Foi assim, com esta mescla de gratidão e sororidade, que Lenilde escreveu o poema *Emblema Lusitano*, dedicado a Nelly Novaes Coelho:

> Entra comigo
> no casarão decrépito
> a nostalgia das origens.
>
> Meus passos
> impregnam de espanto
> as paredes caladas.
>
> Por que arde nos olhos
> a luz extinta
> e carreia bolor
> o obscuro nada?
>
> Quedo-me na instância
> De uma saudade primeva:
> Tudo geme ao meu redor (2010, p. 154).

Segundo a acadêmica e pesquisadora da literatura feminina, Luzilá Gonçalves Ferreira, o espaço de sororidade acontece porque as escritoras mantêm laços de cumplicidade, umas abraçando as outras, tal a comunhão pela luta emancipatória das mulheres. Todavia, nada disso é uma revanche contra o masculino, antes uma tentativa de abrir espaço em meio às trincheiras da luta, afirmando a sua existência, tão negada por séculos. Líder do Grupo de Trabalho A Mulher na Literatura, da Universidade Federal de Pernambuco, a também romancista, juntamente com outras professoras, passou a entrevistar e ouvir relatos de poetisas pernambucanas, entre as quais Lenilde Freitas, com os seus poemas livres, modernos e objetivos, flagrando os momentos percebidos e os cristalizando. Outra a abordar o tema do gênero feminino foi a crítica literária e teórica da literatura, Eurídice Figueiredo.

## 2. Discutindo Gênero

Em sua obra *Por uma Crítica Feminista: Leituras Transversais de Escritoras Brasileiras*, Eurídice Figueiredo aborda o tema a partir da leitura de outra pensadora: Teresa de Lauretis, que postula, em quatro proposições:

> "1. Gênero é uma representação; 2. a representação do gênero é a sua construção através da arte e da cultura; 3. a construção do gênero é um processo que se dá em todos os níveis da sociedade, inclusive no seio do feminismo; 4. ele também se dá em sua desconstrução. O gênero, como o real, não é apenas o efeito da representação, mas também o seu excesso, aquilo que permanece fora do discurso como um trauma em potencial que se/quando (sic) não contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação" (1994, p. 209).

Outra pensadora, a filósofa norte-americana, Judith Butler (2010, p. 25), postula que se o caráter do sexo é contestável, o chamado sexo também é construído socialmente, acontecendo o mesmo com o estabelecimento do conceito de gênero. Ela acrescenta: "Talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nenhuma. Se o sexo é uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo" (2010, p. 25). Nesse sentido, Lenilde Freitas, de forma sutil, coloca, nos seus poemas, as peculiaridades do gênero feminino. Este fato se dá em todos os seus livros: *Esboço de Eva*; *Desvios*; *Espaço Neutro*; *Cercanias*; *Grãos na Eira*; *A Casa Encantada* e a coletânea *A Corça no Campo*.

Para fechar esse espaço de debate feminino, vale a leitura de uma poesia dedicada à amiga do dia a dia, Deborah Brennand, tão reservada quanto Lenilde Freitas, chamado *Pássaro Noturno*:

Na bilha de barro
a água esfria
sobre o peitoril da janela.

Há um desassossego
de folhas em agosto.

Os capins
embaraçam seus cabelos
no vento que varre o pátio
da igreja enraizada
num canto da praça.

A meus pés,
de um cachorro
cujo nome desconheço,
jorra afeto.

Há tempo... há tempo
diz o pássaro noturno.

E, como a lua,
a noite oferta-me a própria cabeça
numa bandeja de prata (2010, p. 32).

Além de um toque de sororidade, as referências aos artistas está presente na obra de Lenilde Freitas. Nelly Novaes Coelho e Deborah Brennand, em especial, demarcam o território da compreensão do fazer poético e a luta emancipatória das mulheres através da literatura; mulheres muitas vezes incompreendidas pelos próprios parceiros, como se apenas entre irmãs a comunhão viesse a acontecer. Todavia, comprovando a ausência de confronto entre a produção canônica masculina e a produção feminina, há inúmeras homenagens a poetas na obra da poetisa, tais como Joaquim Cardozo, Manuel Bandeira, Carlos Pena Filho, T. S. Eliot e Fernando Pessoa, entre os homens. Entre as mulheres, Juana Ibarbourou, Florbela Espanca, Charlotte Mew e Clarice Lispector, por exemplo. Esta última foi tema da dissertação de mestrado da poetisa junto à Universidade Federal de Pernambuco. No poema *A Clarice Lispector,* ela diz:

Os desatinos do mundo
exaurem a mulher
lua
desde sempre
a observar a terra.

A ramagem respira o silêncio
que abriga a noite
ancorada no mar.

Cansada dos peixes,
a água adormece. (2010, p. 169)

Outra característica peculiar de Lenilde é o recurso a elementos da natureza, com suas metáforas de frutos e flores, sendo também uma característica bastante feminina, por meio do fazer poético que acumula prêmios: All Nation Poetry Context, nos Estados Unidos; Prêmio Emílio Moura de Poesia, em Minas Gerais; Prêmio Augusto dos Anjos, na Paraíba; Prêmio Arriete Vilela, em Alagoas, e os Prêmios Passárgada e Nestlé de Poesia, ambos em São Paulo. Nessa abordagem do feminino, pode-se retomar, e para concluir, o pensamento de Eurídice Figueiredo:

> "Não é possível falar de uma escrita feminina sem cair no essencialismo que postula uma identidade fixa do que é uma mulher; por outro lado, não é possível ignorar que o fato de ser mulher tem algum impacto no tipo de literatura produzida, como querem as desconstrucionistas" (2020, p. 95).

## 3. Recurso à Natureza

Nordestina, Lenilde Freitas mantém olhar peculiar: observa, atentamente, a natureza que a circunda no Recife, como, por exemplo, os jambeiros frondosos, fincados à rua das Creoulas, nos bairros das Graças; ou nas cercanias da avenida Fernandes Vieira, no bairro da Boa Vista, que frequentou na infância. Há também as uvas e os cajus amarelos (não os vermelhos), responsáveis por compotas deliciosas e outras iguarias, muito encontrados à beira-mar. Além disso, ela constrói imagens a partir das flores, tais como as árvores da acácia ou as pequenas e mimosas margaridas. Na sua tese de doutorado, apresentada junto à Universidade Federal de Campina Grande em 2025, a pesquisadora Thaísa Rochelle Pereira Martins traça o caminho que percorre estas veredas, sinalizando como alguns estudiosos conceberam a natureza como ciclo vital humano.

Visitemos o poema *O jambeiro*:

Raios de sol
infiltram-se
por entre as folhas do jambeiro.

Em terra estranha,
eis que o tempo
reencontra essa paisagem
fixada em país nenhum.

Sentemo-nos
- diz minha voz
no outrora com degraus
de pedras e de pombos
- o que nos torna cúmplices
é este mesmo azul que nos recobre.

Tua mão sustinha a cor
de um verão perfeito,

enquanto meu olhar
percorria o sem-fim do dia
cuja luz – sempre plena –
introduzia-se por entre os ramos
de um jambeiro
que – até este instante –
eu julguei morto. (2010, p 3)

De acordo com a pesquisadora Thaísa Martins (2025, p. 75), entre as questões filosóficas que circundam a temática da natureza está um ciclo organizado, natural, em que o ser humano é intrínseco, onde este participa "não apenas como parte ou fim último da dinâmica da natureza, mas como meio pelo qual ela é revelada". Assim, no que concerne ao ecossistema, o ser humano deve experimentá-lo síncrono. A poesia de Lenilde Freitas, no que tange a isso, é constituída de imagens que estabelecem uma relação íntima entre sujeito e natureza, partindo de percepções humanas, em que o eu poético se mescla à contemplação. Em especial, o poema traz o flagrante da fragilidade de uma árvore que produz frutos sazonais e, mesmo os produzindo, depende da vontade humana para continuar existindo.

A poetisa realiza, num instante de contemplação e consagração, proporcionar ao leitor registro lírico. Segundo o crítico literário e professor da Universidade Federal de Pernambuco, Lourival Holanda, no prefácio *A persistência de Estrela À Corça no Campo*, "foi dito muito a partir de poucas palavras" (2010, p. 30), em se tratando das poesias de Lenilde Freitas. E ele continua o raciocínio: "Não há em Lenilde uma proliferação aleatória do imaginário poético – mas, antes, seu controle, uma acurada sintaxe de imagens" (2010, p. 20). Dessa forma, percebe-se o quanto a escritora capta o esplendor da natureza, com seus elementos considerados organismos vivos, em movimento contínuo (vejam-se as estações do ano, marcadas pelo jambeiro). Ela projeta de tal forma a imagem no poema que este fica fora da linha temporal, imagem duradoura, ganhando perspectivas que escapam ao habitual.

Outra imagem do esplendor da natureza singrado em poesia se acha no poema *Crepuscular*. Ouçamos:

Longe,
as acácias
- cálices dourados
onde a tarde bebe
o vinho mais rubro.

Anjos lá no céu
guardam seus arados
porque o olhar do sol
está perdendo o brilho.

- Segue no escuro
o trem sobre os trilhos (2010, p. 37).

Outro estudioso da obra de Lenilde Freitas, o professor da Universidade Federal de Campina Grande, José Hélder Pinheiro Alves, no artigo intitulado *Há que Guardar a Poesia: O Instante e a Natureza em Lenilde Freitas*, redigido em parceria com Thaísa Martins, faz observações pertinentes. Numa delas, atesta o quanto as imagens nascem da percepção arguta do artista, "ligadas a uma experiência subjetiva, que difere, em certo ponto, das classificações objetivas e que podem também despertar no leitor estímulos diversos ligados à emoção" (2023, p. 253). Por conseguinte, pode-se afirmar que a formação imagética escapa ao senso comum, acontecendo, a poesia, a partir da aproximação de opostos, mediante a unidade da linguagem, essa última posta em tensão, expressando o que somente pode ser dito por criação de imagens, nas artes.

## 4. O Instante Flagrado

Continuando o raciocínio do professor José Hélder Pinheiro Alves (2023, p. 249), no que tange à produção de Lenilde Freitas, ele afirma que a linguagem poética se baseia na percepção de instantes, decorrente de olhar acurado, sobre os acontecimentos corriqueiros do cotidiano, seja o vaivém, por exemplo, de um cachorro percorrendo a rua, sejam as mais diversas e ricas imagens que surgem da natureza, reveladoras de peculiaridades e subjetividades. Trata-se de composições imagéticas que promovem o momento criador, propiciadores da concepção poética, tendo a literata "um caráter sempre reflexivo, atento ao tempo e seus (des)mandos [...] vivências amorosas às vezes doídas, situações, reflexões, observações sobre o cotidiano, tudo de modo sempre contido" (2023, p. 249). Mas o que diz o teórico e poeta francês Bachelard?

Para ele (1994, p. 188), "as simultaneidades sensíveis que reúnem perfumes, cores e sons, não fazem senão atrair simultaneidades mais longínquas e mais profundas". Consequentemente, a imagem captada junto à natureza se impregna de olhar lírico, evocando lembranças passadas, trazidas à tona no mesmo instante do desenrolar da cena. Acrescente tratar-se aí de uma experiência ligada à fonte dos afetos, ao carinho pela criação, observando a relação entre árvores e vida; flores, pássaros e os homens.

Outra crítica literária brasileira, Betina Cunha, discute a natureza nas poesias do francês Paul Eluard e do pernambucano Manuel Bandeira, que Lenilde Freitas utilizou para o seu insight criador. Elas

> "[...] são o fruto de uma identificação que se estabelece no âmbito da percepção e provocam, no seio da imaginação criadora, o desencadear de sensações que se ajustam e se superpõem às conhecidas. Por essa simbiose emocional, induzem sentidos e valores novos que se concretizam para formar uma realidade diferente. Diferente porque se aloja no campo da imaginação, mas verdadeira porque, pelo plano da sensibilidade e da emoção, é real, concreta e perceptível" (Cunha, 2000, p. 40).

Concluindo esse bloco, ouçamos o poema *Lisboa*, onde a poetisa narra o episódio sobre o cotidiano das pessoas, quando de sua visita a Portugal.

Tão bom
ficar assim olhando a rua:
pessoas passam na calçada
árvores sonolentas se espreguiçam
o pensamento ocioso pensa em nada.

Tudo verdade
tudo mentira nua e crua.

Mais algum tempo
nem eu nem rua
lembraremos.

Ah, os que passam
- sonâmbulos caminhantes
Dos extremos (2020, p. 153).

## 5. Reflexão Sobre a Vida

A obra de Lenilde é estudada nas universidades. Wandersson Hidayck Silva, por exemplo, em sua tese de doutorado junto à Universidade Federal de Pernambuco, intitulada *Sonho, Corpo e Êxtase: Elaborações do Divino nas Obras de Hilda Hilst e Lenilde Freitas*, também reflete sobre a vida, a existência. Exemplo disso é o poema *Brugges*:

E se morasse em Brugges
à beira do canal
tão floridas as janelas
debruçadas sobre as águas
com pontezinhas deitadas
à sombra da tarde?

Se sentado nos Cafés
lesse poemas
ao som de um violino
e o porvir sem alarde
reescrevesse teu destino?

Mas todo sonho é nuvem
e como nuvem some.
Realidade é a capa (dura)
onde inscreveram teu nome (2010, p. 152).

Encontramos nesse poema a polaridade entre sonho e realidade: nele a autora, imersa numa cidade medieval, conservada no coração da Bélgica, decanta não apenas a beleza do rincão, mas a dura realidade daquele que aprecia a vida, quando aponta que os sonhos são passageiros como as nuvens, enquanto a realidade da vida é implacável, muitas vezes retirando todos os sonhos. Há, porém, um fato relevante: toda a beleza e esplendor da poesia, no sentido de encantar e seduzir o leitor. Lenilde Freitas se apropria do sedutor, daquilo que é belo, para questionar o sumo da nossa existência. Católica praticante que era, lembra-nos do Calvário que os seres humanos vivem na Terra. Ela não trata de um mistério no correr da vida, fala com experiência de quem muito já realizou, tudo isso sem amargura, apenas constatação, e continua vivendo a intemporalidade.

Nesse sentido, ela corrobora o pensamento do pensador da poesia, João Alexandre Barbosa, em seu *As Ilusões da Modernidade*. Segundo ele (2009, p. 16), o tempo do poema não existe, acontecendo apenas entre o poeta e a linguagem, mostrando a intemporalidade da poesia, ou seja, a presença, na obra de arte, de um roteiro intertextual. Aqui, o poeta "desfaz o nó das circunstâncias", criando um espaço para a atualização cultural, enquanto a leitura já se encontra marcada pelas circunstâncias que a propiciam. De fato, o que o autor diz é inevitavelmente intemporal, quando se lê um breve tratado da existência humana, com sua angústia bipolar: perda x ganho, o que Lenilde Freitas muito bem fez no poema *Lisboa*. "A poesia contemporânea é uma poesia reflexiva, crítica, uma poesia de cultura, ligada à meditação e à leitura de obras anteriores" (2009, p. 17).

João Alexandre Barbosa continua:

> "Para a leitura do poema moderno, é fundamental esta perspectiva: o espaço do poema enfeixa os espaços do poeta pela operação da intertextualidade. Da mesma forma que os seus tempos particulares são consumidos pelo tempo da linguagem da poesia, através de uma leitura intertextual que se introjeta na composição, assim os espaços circunstanciais são dependentes da construção intensificadora do espaço da linguagem do poema" (2009, p. 32).

Outro ponto que merece menção, no que concerne à poesia de Lenilde Freitas, é a oscilação da linguagem e a autonomia da arte, que fala por si e, na poesia, encanta pela sedução da palavra, mantendo tensão entre dois polos; no caso do poema *Lisboa*, contemplação x angústia existencial, que impregnam a universalidade dos sentimentos, numa mescla entre realidade e história pessoal: realidade vivida pela autora versus a história dos sentimentos transfigurada no poema. Podemos, por conseguinte, sedimentar as ideias acima propostas a partir do teórico Hênio Tavares (2002, p. 11), que pontua o quanto o gracioso, na poética, é atrativo, pelo efeito produzido a partir da expressão, numa graça de movimentos e encanto: "bondade da alma".

Outro teórico que fala a respeito do traçado escrito é Jacques Derrida, em seu *A Escritura e a Diferença*. O pensador (2009, p 301) assinala que a consciência nos concede o que se chama de qualidade, ou seja, grande diversidade de sensações, que são modos diferentes de referenciar o mundo exterior. Aqui, fica visível o quanto a poesia de Lenilde Freitas é verossímil, pois que, em *Brugges*, por exemplo, ela contempla o mundo exterior para, a partir daí, realizar a viagem interior, aquela pertinente ao sentimento. Derrida pontua (2009, p. 301): "Podemos perguntar-nos como nascem estas qualidades e onde nascem estas qualidades". Como resposta, tem-se que é nesse mundo de sonhos, pois o poeta é senão um sonhador, que acontece a poesia. E acrescenta (2009, p. 309): "o sonho é intraduzível", intraduzível em outras línguas, pois que é peculiar ao pensamento individual.

Antes de iniciar a conclusão deste artigo, recorro a dois poemas de Lenilde, breves, como é do seu estilo, mas densos, impregnados de reflexão. O primeiro, *Instante*, revela a sua face nordestina, contemplando os frutos da terra. Ela narra:

Um olhar a menos
e não seria possível
ver no amarelo dos cajus
- trapezistas balançando
na lembrança –
o ouro esporádico
da vida (2010, p. 27).

E, num congraçamento de artistas, curvando-se à excelente literatura genuinamente portuguesa, até mesmo um tributo ao grande poeta moderno lusitano, pode-se ler, em *Lembrando Fernando Pessoa*:

Dentre dois homens iguais
o feliz é o que finge
estar distante demais
a dor que ainda o atinge (2010, p. 96).

## 6. À Guisa de Conclusão

Autora moderna, Lenilde Freitas deixa legado de beleza e reflexão, seja passeando pelo mundo, e o contemplando, de que *Lisboa* e *Brugges* são exemplos, seja nos tributos, como (Clarice Lispector e Fernando Pessoa) (nome dos dois poemas). Poética encantadora, que traduz as cores da terra (o amarelo dos cajus e a cor das acácias, por exemplo), marcadamente feminina, a poetisa fala dos instantes flagrados, do recurso à natureza, em *O Jambeiro*, bem como das questões de gênero, sobretudo em pauta nos nossos dias. Faço minhas, aqui, as palavras do crítico e pensador da estética Clement Greenberg, no seu *Estética Doméstica*. Segundo ele (2013, p. 80), o juízo estético nos possibilita total intimidade com nós mesmos, à medida que apreciamos a obra de arte. Nada de ruídos exteriores quebra esse momento de intimidade: arte-leitor.

Assim sendo, o juízo final sobre a obra de arte lida é realizado pelo leitor atento e contumaz que, partindo de sua própria intuição e sensações, codificando a obra conforme o seu nível cultural e de experiência de mundo, emite o seu pensamento em plena liberdade, numa verdade reveladora. "Em resumo: a experiência estética requer, por sua amplitude e intensidade, que o leitor se torne receptor distanciado e, portanto, cada vez mais objetivo", acrescenta Clement

Greenberg (2013, p. 84). Mas não se trata de uma contemplação qualquer, pois que esta se dá na condição de espectador e não de um agente passivo, mero consumidor do mundo capitalista. Muito mais, nesse debruçar sobre a beleza que enche os olhos; questiona a mente e acalma o espírito. Somente a arte tem esse poder e Lenilde Freitas nos cumula com sua obra.

## REFERÊNCIAS


[1] ALVES, José H. Pinheiro & MARTINS, Thaísa R. Pereira. Há que Guardar a Poesia: o Instante e a Natureza em Lenilde Freitas. Belo Horizonte: Scripta, v. 27, n. 61, p. 246-271, 3°. Quadrimestre de 2023.

[2] BACHELARD, Gaston. O Direito de Sonhar. Trad. José Américo Motta. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

[3] BARBOSA, João Alexandre. As Ilusões da Modernidade. São Paulo: Perspectiva, 2009.

[4] BUTLER, Judith. Problemas de Gênero; Feminismo e Subversão de Identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

[5] COELHO, Nelly Novaes. A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo. São Paulo: Siciliano, 1993.

[6] CUNHA, Betina R. Rodrigues da. A Poética da Natureza na Obra de Eluard e Bandeira. São Paulo: Annablume, 2000.

[7] DERRIDA, Jacques. E Escritura e a Diferença. São Paulo: Perspectiva, 2009.

[8] FREITAS, Lenilde. A Casa Encantada. São Paulo: Scortecci, 2009.

[9] _____ A Corça no Campo – Coletânea Poética. Recife: Ed. Da Autora, 2010.

[10] _____ Cercanias. São Paulo: Scortecci, 1989.

[11] _____ Desvios. São Paulo: Scortecci, 1987.

[12] _____ Esboço de Eva. São Paulo: Roswitha-Kempf Editores, 1987.

[13] _____ Espaço Neutro. São Paulo: Fundação Nestlé, 1991.

[14] _____ Grãos na Eira. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

[15] FIGUEIREDO, Eurídice. Por uma Crítica Feminista: Leituras Transversais de Escritoras Brasileiras. Porto Alegre: Zouk, 2020.

[16] GREENBERG, Clement. Estética Doméstica. São Paulo: Cosac Naif, 2013.

[17] LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. Tradução de Susana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e Impasses; o Feminismo Como Crítica da Cultura.* Vários autores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

[18] MARTINS, Thaísa Rochelle P. Há que Guardar a Poesia: a Lírica de Lenilde Freitas e suas Contribuições Para a Formação de Leitores. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, 2025.

[19] TAVARES, Hênio. Teoria Literária. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.